

# Os novos estrangeirados

## Precisa-se de um ministro da Ciência e não só da Educação

Carlos Fiolhais

**E**STÁ a haver fuga de cérebros em Portugal? A expressão poderá não ser a melhor para designar a emigração de trabalhadores muito qualificados, e responder à questão pode não ser fácil por falta de indicadores fiáveis, mas a resposta de muitos observadores, incluindo o autor destas linhas, é afirmativa. Infelizmente está.

Não será uma observação rigorosa, mas há evidência disso à nossa volta. Todos nós sabemos de jovens muito qualificados que se vêm obrigados a emigrar, em geral para a Eu-

ropa, dada a aflitiva falta de emprego de base científica nesta altura em Portugal. Estando as fronteiras abertas, não há registo dos jovens que procuram emprego temporário ou definitivo noutros países. Mas o desemprego jovem, isto é, de pessoas até aos 25 anos, tem crescido entre nós assustadoramente (é hoje, segundo trimestre de 2013, de 37%), tal como aliás todo o desemprego. Basta ir à Pordata para verificar o *boom* do desemprego desde 2000. Quer dizer que as nossas universidades e os politécnicos fornecem todos os anos fornadas de diploma-

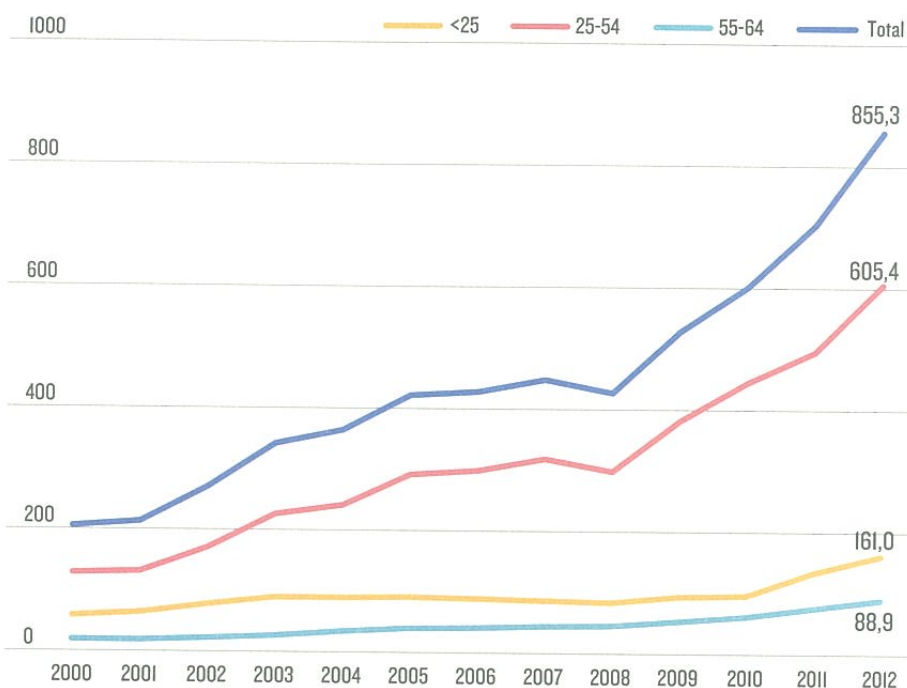
dos que o mercado de trabalho nacional não consegue absorver. As escolas de ensino superior, melhor ou pior, estão a fazer o seu papel, mas o mercado não está a fazer o dele.

As afirmações não só do ex-ministro Miguel Relvas mas também, e embora noutro tom, do próprio primeiro-ministro, no sentido de sugerir a quadros jovens que procurem trabalho no estrangeiro não foram decerto as mais felizes. Governantes que aconselham os seus governados a emigrar estão, de certa forma, a demitirem-se das suas responsabilidades. Um governante não pode dizer aos jovens que se governem como puderem, tem antes de criar e transmitir futuro. Não sendo Portugal abundante em recursos naturais, a sua maior riqueza reside nos cérebros dos seus cidadãos, em particular aqueles que estão em idade de maior criatividade e, entre estes, os que estão mais bem preparados. E é desolador ver que as escolas superiores formam pessoas que têm de se estrangeirar, não por opção pessoal, mas por falta de qualquer alternativa.

O caso é particularmente grave nos doutorados, uma vez que o seu número tem continuamente subido e alguns deles têm mostrado, através de publicações científicas com impacte internacional, a sua alta qualidade. Ora, estes doutores não estão, em geral, a ingressar nas universidades e nos politécnicos, rejuvenescendo um corpo docente envelhecido. São bem conhecidos os casos de candidatos que se eternizam na renovação das suas bolsas por falta de oportunidades profissionais. Não estão também a entrar



## POPULAÇÃO DESEMPREGADA (TOTAL E POR GRUPO ETÁRIO, EM MILHARES)



Fonte: Pordata

em quadros das instituições privadas sem fins lucrativos que foram criadas quando as universidades portuguesas pareciam incapazes de usar os avultados recursos à disposição para investigação e desenvolvimento. Acontece ainda que as bolsas de doutoramento e de pós-doutoramento são cada vez menos (algumas áreas, como a da promoção da ciência e da história da ciência, foram surpreendentemente fechadas). Há sempre a solução do empreendedorismo (“crie o seu próprio emprego”, fartam-se de nos dizer), mas, apesar de alguns bons exemplos, são claras as dificuldades que, num quadro recessivo, as novas empresas encontram para vingarem.

A crise podia ser aproveitada pelo governo para casar melhor o ensino superior com a investigação, colocando os fundos de ciência directamente à disposição das melhores universidades, designadamente para refrescar os seus quadros. Contudo, não é isso que está a ser feito. As universidades estão com a corda na garganta. Invocando a excelência individual (um conceito algo difuso, sobretudo quando se trata de comparar disciplinas) a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) está a promover concursos de “investigadores FCT”, mas os lugares são muito poucos e sempre temporários, não permitindo dar consistência a instituições que já deram sobejas provas de produtividade científica. Esquece que tão ou mais importantes que a capacidade individual são as equipas e as infraestruturas. A FCT pretende manter, numa época de vacas magras, um sistema científico que foi montado, sob a

sua tutela, ao lado das universidades, numa época de vacas gordas. E esquece-se que algumas das nossas universidades, hoje muito melhores do que há vinte anos, têm de ver a sua competitividade reforçada para singrar no quadro europeu.

Onde estão os doutores? Na sua maioria, nas universidades. Em 2009, dos 17 010 doutores a trabalhar em Portugal, 82% estavam no ensino superior, 13% em instituições privadas de investigação, 4% no resto do Estado e apenas 1% em empresas. As universidades com mais peso científico (a maior de todas está a emergir em Lisboa) deviam, portanto, ter mais voz na questão do emprego científico. Mas estão dissolvidas no Conselho de Reitores (CRUP), que trata todas as universidades por igual. Os investigadores estão silenciosos, cada centro ou grupo procurando competir na disputa dos escassos recursos, manietados por regras que parecem em muitos casos abstrusas, para não dizer absurdas. Parece ser mais o que divide os cien-

tistas do que aquilo que os une. Existe uma associação de bolseiros e uma outra de investigadores, mas não há uma academia nacional de ciência que dê voz forte aos cientistas no seu conjunto. Lá fora, os jovens cientistas lusos estão nalguns casos organizados (no PARSUK no Reino Unido e no PAPS nos Estados Unidos), mas não há uma comunidade organizada à escala global dos cientistas portugueses no estrangeiro que tenha capacidade de intervenção no país. Os novos estrangeiros, ao contrário dos antigos, não têm grandes meios para influenciar a sua terra natal.

A fuga de cérebros é e, a avolumar-se, será ainda mais um drama nacional. Sendo a ciência um empreendimento internacional, é natural que os cientistas ignorem as fronteiras. Mas não faz sentido que o país invista na formação de jovens cujos conhecimentos e capacidades vão, maciça e directamente, beneficiar outros países. Precisa-se de um ministro da ciência e não apenas da educação.